temática
ISSN|1807-8931

O futebol feminino brasileiro como identidade nacional durante os Jogos Olímpicos de 2016

Brazilian women's football as national identity During the 2016 Olympic Games

Bruno MARINHO[1]
Suelly MAUX[2]

Resumo

A partir dos estudos culturais fundamentados por Stuart Hall, este artigo procura mostrar a quebra de paradigma e da imagem do futebol como um esporte somente para homens, tomando como recorte as campanhas, masculina e feminina do Brasil no futebol, nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. O futebol passa por transformações, pós-modernas, principalmente no âmbito dos atores envolvidos na prática do esporte, onde ficou claro em determinado momento da competição a troca de valorização do futebol masculino pelo feminino por parte do povo brasileiro, mesmo que por um lapso de tempo.

Palavras-Chave: Estudos de Gênero. Futebol Feminino. Futebol Masculino.

Abstract

Based on Stuart Hall's cultural studies, this article tries to show the breakdown of the paradigm and image of football as a men's Sport only, taking as a cutout the brazilian men's and women's campaigns in football at the Rio de Janeiro Olympics in 2016. Football undergoes postmodern transformations, mainly in the sphere of the actors involved in the practice of the sport, where it was clear at a certain moment of the competition the Exchange of appreciation of the men's football by the women's by brazilian people, even if for a lapse of time.

Keywords: Gender studies. Women's football. Men's football.

Introdução

Quem nunca ouviu a frase "futebol é coisa de macho"? Historicamente, o futebol é cultuado como um esporte de identificação nacional do Brasil. Nele, várias

[1]Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: brunohenrique94@outlook.com

[2] Professora doutora do Curso de Jornalismo/CCTA/UFPB. E-mail: suellymaux@gmail.com

identidades são disputadas, criadas e discutidas, gerando assim uma expectativa e representatividade cultural. Hall (2004, p. 50-51) considera as culturas nacionais como sendo compostas por, além de instituições culturais, símbolos e representações.

> uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobrea a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2004, p. 50-51).

Cabe ressaltar que vivemos em uma "comunidade imaginada", conceito introduzido por Benedict Anderson. Estamos em um país onde as características que acreditamos que possui são construídas e passadas pelos meios de comunicação, muitas vezes para fins políticos internos ou internacionais. Nesse ponto, podemos chegar à premissa do Brasil como "país do futebol". Será que somos realmente o país do futebol, onde nossos jogadores praticam o melhor futebol do mundo? Ou é apenas uma afirmação passada durante anos e anos para reafirmar que somos os melhores do mundo em algo?

Sempre se falou do Brasil como detentor do melhor futebol do mundo, e do melhor jogador de todos os tempos, afinal nosso futebol masculino tem cinco títulos mundiais e teve o "Rei do Futebol", Pelé, como principal jogador. Porém, somente se deu ênfase ao futebol masculino como representação do Brasil. Historicamente, o futebol feminino mundial batalhou muito para obter direitos iguais ao masculino, com competições de grande nível e possibilidade de jogos televisionados. Nos últimos anos, o nosso país sediou dois megaeventos esportivos (Copa do Mundo da FIFA 2014 e Jogos Olímpicos de Verão 2016, no Rio de Janeiro), onde a imagem "Brasil, o país do futebol" (masculino), foi reconfigurada, e o desempenho dos homens foi perdendo o prestígio da torcida, tendo seu ápice durante as competições masculina e feminina da modalidade na Olimpíadas Rio 2016.

Este artigo tem como recorte os torneios masculino e o feminino de futebol durante os Jogos Olímpicos 2016, no Rio de Janeiro, e busca mostrar, junto com as noções de estudos culturais e de estereotipagem, que a noção de futebol, e a valorização

do futebol feminino nos últimos anos, têm crescido, ainda que lentamente, no Brasil e no mundo.

Serão mostradas inicialmente as noções que se tinham, ou ainda existem, no Brasil, do futebol como um lugar somente para homens, e o futebol como um lugar de cultura, e posteriormente a introdução das mulheres no esporte, apresentando dados e datas. Em um terceiro momento, serão comparadas as campanhas brasileiras dos homens e das mulheres no futebol dos Jogos Olímpicos.

O futebol como lugar do homem e da cultura

O futebol, desde sua criação, foi perpetuado como uma prática masculina. Seus atores, todos eles eram homens, seja jogador, dirigente ou torcedor. No Brasil não é diferente. O futebol está enraizado na cultura popular brasileira, a ponto dos homens que não gostam do esporte ser discriminados. É como se eles fossem "diferentes". No imaginário popular, a construção de masculinidade no Brasil está muito ligada ao futebol, sendo a adesão ao esporte uma prova do "ser homem" e sua negação uma espécie de fuga ou rejeição a essa condição.

O futebol é um importante elemento da cultura nacional. É um fenômeno social. Ele pode ser considerado por muitos como a mais fiel representação da sociedade brasileira, a dos sentimentos do ser humano. Para Daólio (1997, p. 122) o futebol

> também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos... o fato de torcer por um time mesmo quando esse não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade. Suportar as gozações de torcedores contrários após uma derrota põe a prova a paixão pelo time, mesmo nos momentos difíceis. Vencer um jogo contra um time tecnicamente mais forte reaviva a crença em um ser superior que realiza milagres.

Até a malandragem dos jogadores é vista como uma representação do cidadão brasileiro. Da Matta (1982, p. 21) define o futebol como um espaço onde a população se expressa: "O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir." O futebol vai além, ele é um tipo de refúgio da vida cotidiana do brasileiro, seja ele de classe média, ou rico,é com o esporte que ele

se desvincula dos problemas da vida. Os 90 minutos de uma partida são para muitos um momento lúdico.

Analisando as transmissões por parte da televisão brasileira da Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2010, Lourenço (2011) afirmou que o "apelo ao interesse pelo esporte [...] e consumo embutido no futebol, é parte do que contribui para a formação da imagem do Brasil como um país atraente, simpático e carinhoso."

É fato que o universo do futebol brasileiro foi, assim como foi o futebol mundial, um espaço preenchido pelos homens desde a sua chegada, por volta do início do século XX. Por ser um fenômeno sociocultural, sempre foi necessário atentar-se a determinados valores e tradições para que a "ordem" que se desejava e que se esperava do futebol não fosse quebrada. A introdução das mulheres refletiria questões preconceituosas de gênero presentes na sociedade. Cogitar esta possibilidade era algo praticamente censurado.

> O futebol feminino, portanto, só poderia mesmo representar um 'desvio de conduta' inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da 'rainha do lar' [...] restrita ao espaço doméstico. (FRANZINI, 2005, p.321).

Atualmente, os estádios de futebol brasileiros ainda são lugares para homens, onde se reproduzem valores e práticas completamente masculinas. Os cânticos das torcidas são homofóbicos e machistas, dando cada vez menos espaços para quem não é homem heterossexual a frequentar essas arquibancadas.

Os jogadores também são alvos dessa masculinidade "exigida" no futebol. Quanto mais coragem, garra, vigor físico e galante ele for, mais o torcedor irá aplaudi-lo e idolatrá-lo. O futebol inevitavelmente é ligado a valores atribuídos ao masculino. Casos de jogadores sem esses requisitos acontecem, mas por consequência, o jogador em questão é retaliado e perseguindo pelas torcidas adversárias, recebendo xingamentos, em sua ampla maioria, homofóbicos. O caso mais famoso no Brasil é o do jogador Richarlyson, que mesmo sempre se declarando heterossexual, em seus mais de cinco anos de carreira no São Paulo Futebol Clube (entre 2005 e 2010), e em diante, foi taxado de homossexual pelas torcidas rivais, somente pelo seu jeito de ser e sua movimentação corporal dentro de campo.A pior situação foi quando Richarlyson foi

apresentado no Guarani Futebol Clube. Na ocasião, torcedores rivais comentaram sobre a contratação com postagens homofóbicas nas redes sociais. Houve também protestos de dois torcedores do Guarani em frente ao estádio do clube, o Brinco de Ouro da Princesa, localizado em Campinas-SP, minutos antes da apresentação oficial do atleta.

Figura 1 – Xingamentos proferidos a Richarlyson nas redes sociais.

Fonte: El País – Richarlyson, de novo alvo do tormento dos ataques homofóbicos[3]

A inserção da mulher no âmbito do futebol

Entre junho e julho de 2019, na França, acontecerá a oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, organizado pela FIFA (*FédérationInternationale de Football Association*), entidade máxima do futebol global. Os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, marcaram a estreia da disputa pelo ouro do futebol entre as mulheres, sendo nos Jogos do Rio 2016, a sexta edição da modalidade. O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, que começou em 2013, chegou a sua quinta edição em 2017.

Se comparados ao futebol masculino, ainda são torneios “novos”. Por exemplo, até então tivemos sete edições da Copa do Mundo Feminina, sendo a primeira disputada em 1991. Já para os homens, o primeiro torneio aconteceu em 1930, no Uruguai,

[3] Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2017/05/09/deportes/1494343530_901105.html. Acesso em: 21 maio 2019.

totalizando até hoje 20 edições[4], sendo aperiodicidade da Copa do Mundo igual para ambos, realizada a cada quatro anos.

Todas essas competições, porém, só foram possíveis após muitas lutas de direitos iguais para as mulheres no esporte.As mulheres, por volta das décadas de 1920 até 1940, frequentavam timidamente as arquibancadas. Era uma época onde as arquibancadas estavam sendo trocadas pelos galpões das fábricas. Foi também na década de 1940 que surgiam os primeiros registros de agremiações femininas no Brasil, como menciona Franzini (2005, p. 319)

> Àquela altura, matéria[5] do jornal paulistano *Folha da Manhã* reconhecia a existência de dez equipes de senhoritas futebolistas "em franca e regular atividade" na capital federal. E que não se pense em Flamengo, Fluminense, Botafogo ou Vasco: constituídos nos subúrbios cariocas, o Eva F. C., o E. C. Brasileiro, o Cassino Realengo, o Benfica F. C. estavam muito longe, em todos os sentidos, dos grandes e tradicionais clubes da cidade.

A notícia trouxe uma repercussão muito negativa à sociedade na época. De prontidão, médicos passaram a considerar a prática esportiva para as mulheres como uma atividade perigosa, devido à "fragilidade corporal feminina", e também houve muita perseguição do regime político do Estado Novo, praticado por Getúlio Vargas, que em seu Decreto-Leinº 3.199[6], de 14 de abril de 1941, chegou a proibir a prática para as mulheres, como escrito eu seu artigo 54: "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos as necessárias instruções às entidades desportivas do país." Esse artigo foi regulamentado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), cuja Deliberação nº 7 proibia a prática de lutas, futebol de campo e futebol de salão, baseball, entre outros esportes, por parte das mulheres.

Tais condenações esfriaram as tentativas de investidas das mulheres de entrar no mundo futebolístico nacional. A revogaçãoda Deliberação nº 7 do CND aconteceu somente em 1979, pela Deliberação nº 10. Só a partir de então começaram a surgir

---

[4] Não houve as competições de 1942 e 1946 por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).
[5] "Em negociações a vinda a esta capital dos quadros femininos do 'Eva' e do 'Brasileiro'", *Folha da Manhã*, 5/4/1940, p.11.

[6] Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm. Acesso em: 21 maio 2019.

departamentos de futebol femininos nos clubes já existentes no país. Novas equipes de futebol feminino também surgiram, como o carioca Esporte Clube Radar, em 1982, que teve grande importância para o futebol feminino local, como destacaram Devide e Rodrigues (2009) ao contar a campanha vitoriosa do Radar em uma turnê pela América do Sul e Estados Unidos, que trouxeram visibilidade ao futebol feminino e ao próprio clube. Desde então, o esporte feminino vem crescendo gradativamente no nosso país.

Em 1983, o CND declara o futebol feminino como um esporte oficial no Brasil. Aconteceram também nesse ano o primeiro Campeonato Carioca de Futebol Feminino, e o *Copertone Copacabana Beach*, torneio feminino que envolveu equipes da França, Espanha, Portugal e Brasil, e teve média de 5 mil torcedores por partida. Em 1987, a CBF estimava a existência de aproximadamente 200 times de futebol feminino espalhadas pelo país. A década de 1980 foi muito importante para o desenvolvimento do futebol feminino no país. Morel e Salles (2005, p. 260) confirmam como esporte estava evoluindo

> [...] foi nos anos de 1980 que o futebol feminino ganhou notoriedade da imprensa e no Brasil (principalmente com o E. C. Radar-RJ) e em excursões pelo exterior. No começo, era visto somente como espetáculo (os jogos eram antes das partidas masculinas nos estádios). Porém, até o final da década de 1980 foi apresentando evolução técnica, aumento do número de praticantes, melhoria na organização e estrutura das competições, e o surgimento de novas equipes.

Mundialmente falando, a década de 1990 foi muito importante para a consolidação do futebol feminino. A primeira Copa do Mundo da FIFA feminina, na China, em 1991 e a entrada da modalidade nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 (com o Brasil terminando na quarta colocação) provam isso.

Atualmente, o Brasil conta com o Campeonato Brasileiro que começou em 2013, eteve a participação de 20 clubes até a edição 2016. Para 2017, o regulamento foi alterado, sendo reduzido o número de times para 16 e criada a segunda divisão, com também 16 times, totalizando 32.

E ainda pode-se dizer que, se o Brasil é reconhecido por ter Pelé como a figura do Rei do Futebol, seria justo mencionar a jogadora Marta, também brasileira, como a "Rainha do Futebol". Marta tem números impressionantes: ela é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira, envolvendo homens e mulheres, é também a maior artilheira da história da Copa do Mundo Feminina e ganhou o prêmio de melhor

jogadora do mundo da FIFA, a famosa Bola de Ouro por seis vezes (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018), sendo cinco delas de maneira consecutiva, fato que nenhum homem ou mulher jamais conseguiu.

Futebol nos Jogos Olímpicos Rio 2016

Lourenço (2011) afirma que durante a cobertura de um megaevento, o futebol como esporte dá lugar ao futebol como negócio, identidade e marca, "Na formação de uma classe de torcedores – consumidores, a cobertura, na maior parte das vezes, procurou mostrar o engajamento da população brasileira com o evento e a totalização de interesse popular." Isso explica o *boom*, ou a "bolha" que se é criada pelos meios de comunicação em massa na cobertura do futebol feminino, para que passem à população o interesse em acompanhar também as mulheres jogadoras. Mas o que se viu em 2016 não foi um engajamento na televisão, como a agenda do dia. Foi perceptível a mudança de pensamento dos brasileiros nos próprios estádios.

A imagem do futebol como esporte só de homens está mudando no Brasil,e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 provaram isso de maneira gritante. Pode-se dizer que, atualmente, o esporte vive em uma espécie de transição de um modelo sólido, fechado, para um padrão mais aberto e maleável, sujeito a mais modificações. Como observou Hall (2004, p. 12), "O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas." Até a introdução desses novos conceitos, se tinha uma visão muito centrada das noções da prática do esporte e dos atores que estavam envolvidos nela, sem que houvesse um afronte a tais normatizações hegemônicas da população.

A pós-modernidade significa isso, um período com mudanças de padrões, ou uma reavaliação das novas formas de pensamento. Vivemos em um momento de crise ideológica, em que os valores antigos já não servem de justificativas para as decisões atuais.

O Brasil começou a disputa pelas medalhas no futebol como favorito, e o futebol masculino, por só faltar a medalha de ouro olímpica na sua sala de troféus, ganhou uma visibilidade ainda maior por uma grande parcela dos brasileiros, que de certo modo foi

mais acolhido que o futebol feminino. Mas ao decorrer das duas campanhas, os papéis foram se invertendo.

O grupo masculino brasileiro contou com adversários tecnicamente mais fracos (Dinamarca, Iraque e África do Sul) e o grupo feminino mais nivelado, com China, Suécia (que eliminou o Brasil e foi finalista da competição) e África do Sul.

Um interessante dado que mostra como o interesse pela seleção feminina foi crescendo durante a competição dá-se comparando o total de público presente nos estádios[7]. As meninas começaram sua campanha jogando bem e vencendo com tranquilidade a China por 3x0, para pouco mais de 27 mil pessoas no estádio Nilton Santos, no Rio de Janeiro (antigamente conhecido por Engenhão), que tem capacidade para quase 47 mil torcedores. No dia seguinte, foi realizada a primeira partida dos homens em Brasília, no estádio Mané Garrincha, praticamente lotado com um público presente de mais de 69 mil torcedores. Porém em campo o time não atendeu às expectativas, empatou sem gols com a inferior África do Sul e saiu vaiado de campo.

No intervalo entre o primeiro e o segundo jogo de ambas as seleções, o burburinho nas redes sociais foi aumentando, e as primeiras comparações entre Neymar, principal jogador brasileiro e um dos três melhores jogadores do mundo atualmente, e Marta, começaram a surgir.

Na segunda partida das mulheres, o Brasil goleou a Suécia por 5x1, jogando bem e com um futebol envolvente, completamente oposto ao masculino. A partida também aconteceu no estádio Nilton Santos, mas dessa vez com um público bem maior: mais de 43 mil espectadores, que durante a partida fizeram ecoar o grito de "Ah, a Marta é melhor que Neymar." No dia posterior, os homens entraram em campo, de novo em Brasília, para um público de 65 mil pessoas. Foi outro empate decepcionante do Brasil, desta vez contra o Iraque. Durante a partida, os torcedores também começaram a cantar gritos de "Ah, a Marta é melhor que Neymar", vaiaram mais uma vez o time após o final da partida e aplaudiram o time adversário.

A essa altura, estava bem claro para todos que os torcedores já tinham adotado a seleção feminina como a seleção principal, e Marta como sua principal figura. Nas suas partidas haviam aplausos, ao contrário das vaias direcionadas aos homens e principalmente a Neymar. Durante o intervalo entre a segunda e a terceira partida, uma

[7] Dados obtidos na página oficial do Jogos Olímpicos Rio de Janeiro 2016.

foto de um garoto com a camisa 10 do Brasil, onde o nome Neymar estava riscado e abaixo estava escrito Marta viralizou, concretizando ainda mais essa troca de sentimento e acolhimento pelas mulheres.

Várias matérias também começaram a surgir nos principais portais esportivos do Brasil, mostrando que a procura pela camisa 10 da seleção brasileira com o nome Marta, figura 2, estava em falta, por conta da baixa produção, enquanto as de Neymar não estavam sendo vendidas como o esperado.

Figura 2 – Garoto escreveu o nome de Marta e riscou o de Neymar na camisa 10 do Brasil.

Fonte: Extra – "Marta merece essa camisa muito mais que Neymar", diz garoto que rabiscou o nome do jogador em camisa da seleção[8]

Na partida semifinal disputadas pelas seleções masculinas e femininas ocorreu mais uma demonstração dessa troca de acolhimento. As mulheres do Brasil disputaram a vaga para a final contra a Suécia, no Maracanã, diante de 70 mil pessoas. Já os homens, mesmo depois de terem reencontrado seu bom futebol, levaram 52 mil pessoas para o mesmo Maracanã, um dia depois. Infelizmente, as mulheres brasileiras foram desclassificadas na partida contra a Suécia, mas o público presente na partida da eliminação foi o maior da competição no geral, superando até a final masculina entre Brasil x Alemanha, com 63 mil pessoas.

[8] Disponível em: extra.globo.com/esporte/rio-2016/marta-merece-essa-camisa-muito-mais-que-neymar-diz-garoto-que-rabiscou-nome-do-jogador-em-camisa-da-selecao-19881792.html. Acesso em: 21 maio 2019.

Considerações finais

O futebol está em transformação. O rótulo do futebol como sendo praticado só para homens vem mudando, e este artigo procurou mostrar como essa mudança está acontecendo. Foi traçado o panorama do que ainda se pensa sobre o futebol, que tem o homem másculo como referência, em um âmbito por vezes homofóbico e machista; como as mulheres conquistaram seus espaços no campo do esporte futebolístico, suas brigas pelos direitos iguais; a ascensão e a oficialização do esporte no Brasil, e por último, mostrado exemplos de suas transformações em relação aos gêneros.

Nos Jogos Olímpicos do Rio em 2016 ficou demonstrado que o povo brasileiro tem sim um sentimento de carinho e respeito pelas mulheres de nossa seleção. A medalha não veio para elas, mas por todas as dificuldades do que é ser mulher brasileira e jogadora profissional de futebol, elas ganharam uma medalha mais valiosa, que foi o apoio incondicional da torcida brasileira, que por quase toda a competição, adotaram-nas como a principal seleção para se assistir futebol.

Apesar de ser por um espaço curto de tempo, delimitado pela disputa dos Jogos Olímpicos, essa demonstração de mudança de pensamento é muito significativa para traçar um futuro da identidade nacional como país do futebol. O que se espera é que esse sentimento pelo futebol feminino cresça, mesmo que lentamente, pois não podemos nos considerar o "país do futebol" como sendo o país que melhor pratica o esporte, se somente o futebol masculino for privilegiado.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Da MATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas: Unicamp, 1997.

DEVIDE, Fabiano Pries; RODRIGUES, Felippe Saint Just. Inserção de mulheres em uma área de reserva masculina e o uso da co-educação para o ensino do futebol na Educação Física Escolar. In: **EFDeportes.com**, Buenos Aires, n. 138, nov. 2009.

Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd138/insercao-de-mulheres-em-uma-area-de-reserva-masculina.htm. Acesso em: 11 abr. 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

LOURENÇO, Rafael de Oliveira. A representação do futebol enquanto fenômeno cultural e político na cobertura da copa do mundo 2010. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO, 7., 2011, São Paulo. In: **Anais**.São Paulo: Cásper Líbero, 2011. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Rafael-de-Oliveira-Lourenço.pdf. Acesso em: 11 abr. 2019.

MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol feminino. *In*: COSTA, Lamartine da (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**, Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 260-261. Disponível em: http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/53.pdf . Acesso em: 11 abr. 2019.